



GT 07. Antropologia da Técnica

Coordenador(es):

Jeremy Paul Jean Loup Deturche (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Júlia Dias Escobar Brussi (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Emanuel Sautchuk (UnB)

Sessão 2

Debatedor/a: Eduardo Di Deus (UNB - Universidade de Brasília)

Sessão 3

Debatedor/a: Fabio Mura (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

A 4ª edição deste GT busca dar continuidade às reflexões e discussões iniciadas na 29ª RBA, além de seguir contribuindo para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. Quando tratamos de técnica no sentido maussiano, como « ato tradicional eficaz », é necessário, seguindo Sigaut, sempre lembrar que não temos acesso direto às técnicas em si. O que vemos são pessoas fazendo coisas. Nesse sentido, este GT tem um interesse particular nas mais diversas práticas e fazeres, que implicam na interação entre humanos e não-humanos (artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral) e envolvem habilidades, escolhas, hierarquias e transformações. Tais fazeres parecem ser uma chave importante para o entendimento das diferentes formas de se « estar no mundo », não dentro de uma ótica estritamente materialista, mas na perspectiva da produção de conhecimento, ou do habitar o mundo. A partir de uma abordagem dos processos técnicos se busca apreender como « se pensa com a mãos » e refletir sobre esses fazeres em sua dimensão social, inseridos em composições sociotécnicas e políticas complexas. Considera-se, assim, de grande relevância os trabalhos que dialoguem com essas temáticas e que privilegiem aspectos etnográficos e análise descritivas de processos técnicos.

COZINHAR PELO TERRITÓRIO: A Cosmologia do povo Xukuru do Ororubá (Pesqueira-PE) a partir de suas escolhas técnicas na alimentação

Autoria: Fabrício Brugnago (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

A alimentação está na base cosmológica do povo Xukuru e intimamente ligada com sua territorialidade. Após o período conhecido como a época da fome no último século, no qual o povo Xukuru servia à fábrica de Peixe e tinha que sobreviver a vontade dos fazendeiros arrendadores de terra, reuniram-se em um processo decolonial pela busca de tradições de conhecimento alimentares para sobrevivência e pelo reconhecimento de sua territorialidade a partir das lutas pelas retomadas de terra. Com a retomada de seu território a partir da demarcação, os Xukurus promovem atualmente um ciclo de reuniões periódicas de saberes sobre agricultura e alimentação Xukuru, na qual a ciência da visão das chuvas, as técnicas de plantação de sequeiro e as cozinhas como espaços de ritual de cuidado e cura são base da territorialidade promovidas na afirmação de suas fronteiras étnicas em fluxos de conhecimento. Como debatido por Barth, diversas estruturas organizacionais mesclam-se em constante interação e construção de conhecimentos, em diálogos internos, entre famílias e aldeias, e externos, com ONGs, o Estado e a própria população urbana de Pesqueira/PE pelas feiras livres e eventos. Dentro do povo Xukuru existe o Centro de Agricultura Xukuru do Ororubá, que é um complexo sagrado de promoção de uma agricultura em uma cosmovisão de diálogo entre



os troncos velhos, que é o conhecimento dos antigos e os seres encantados. Assim como descrito por Mura, o diálogo com os encantados e as técnicas e ações utilizadas no contexto socio-ecológico-territorial Xukuru estão totalmente interligadas entre mundo mágico, natural e social formando hierarquias de poder negociáveis politicamente, que a partir de escolhas técnicas geram as tradições de conhecimento Xukuru e ressignificam as cosmovisões. As escolhas técnicas são tomadas a partir de diálogos políticos com todos os seres do cosmos, seja através de rituais, sonhos, experiências sociais ou das manifestações encantadas na natureza. A cultura do encantamento traz a história humana, natural e mágica entrelaçada e, segundo os Xukurus, expressada em suas sementes. As sementes velhas, que são as sementes tradicionais, passam pelo processo de individualização, assim como dito por Simondon, representando as linhas de vida e a história em processo de todas as técnicas cosmológicas empregadas, trazendo à tona a individualidade do processo em relação com o ser Xukuru. Sua expressão no coletivo é projetada a partir do cotejamento das sementes de cada agricultor, que assim como dito por Ingold, entrelaçam suas linhas de vida com a territorialidade, gerando os frutos e as sementes que conectam as gerações Xukuru.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: